

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Roberta Tanure Passos	Data: 31/03/2011	Ocupação: Bacharel em Turismo, Representante cultural eleita da Cidade, Gerente de Departamento de turismo de Conceição do Mato Dentro
Município: Conceição do Mato Dentro		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 36 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*

- Meu nome é Roberta Tanure Passos. Eu sou Bacharel em Turismo. Moro em Conceição do Mato Dentro há 5 anos. E sou acadêmica de Letras e Pedagogia também. Estou envolvida com a parte cultural mais pelo lado público do que pelo lado...de ter alguma influência dentro do contexto. Sou representante cultural eleita da cidade há 2 anos.

- *Sua idade?*

- 35 anos.

- *Profissão?*

- Eu sou bacharel e assumo amanhã a Gerência do Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal.

- *E quais as manifestações culturais, saberes e modos de fazer tradicionais que existem na cidade, Roberta?*

- A primeira festa que a gente tem aqui que muito chama a atenção é a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, né? Ela basicamente acontece dia 1º de janeiro, mas ela tem um trido, que começa no dia 29 de dezembro. Então, são celebrações de missas, os sinos batem, e 29, 30 e dia 31, com a sua culminância no dia 1º, tá? E o que eu acho muito interessante nessa manifestação, é que é um sincretismo muito grande, porque a Igreja Nossa Senhora do Rosário foi fundada para os negros, não é isso? Na História a gente tem esse

conhecimento. E...a união das diversas formas de manifestação, a fé a Nossa Senhora do Rosário. Hoje tem a Marujada, a gente tem o Catopé... Grupos de Conceição, só os marujeiros, mas entre as cidades próximas, né, eles mandam os congadeiros, aí a gente tem a encenação, o coroamento da Rainha, tem o Rei...aí o encontro da Rainha Branca com a Rainha Negra, e eles caminham em cortejo até a igreja, e lá há um realmente o “boom” do encontro dessas manifestações religiosas. Essa é a primeira festa que a gente tem. No mesmo mês, em janeiro ainda, a gente tem a Festa de São Sebastião, né, são nove dias, é uma Novena de São Sebastião. Pelo o fato da cidade ser muito católica, a gente ainda consegue mesmo na sede ver a presença dos fiéis, e que pedem muito contra a fome, contra a peste, ele é o protetor, né, guardião dos seus aí dos seus eleitos. Então a festa começa no dia 11 de janeiro e vai até dia 20. E...todas as vezes a gente tem leilão de comida típica, leilão de gado, galinha, né, e quem dá o maior lance, leva aí o que tá sendo ofertado pela própria população. É...conseqüentemente depois disso, não é uma festa que a gente tem, mas acontece na Semana Santa também, que é a Procissão do Senhor Morto com a Encenação da Paixão de Cristo. É...isso não é divulgado como falei, porque não é uma festa, acontece em outras cidades, acontece em outros distritos, mas Conceição do Mato Dentro ainda mantém esta tradição. A procissão mesmo, à meia-noite, eles vêm com o Cristo Morto, envolto naquelas vestes, aqueles tecidos escuros mesmo, e depois vem a encenação, os sinos batem, e o Santuário, ele se apaga, e na hora da ressurreição se acende, é uma manifestação bonita pra gente ver, né? E pensar em outra coisa. Depois disso a gente tem uma festa do Jubileu, várias festas seguidas. E a Festa do Divino, aqui em Conceição, na sede, a gente não tem uma data, específica: ela é comemorada muito nos distritos. E essa informação, certinha, eu não tenho como te dar, mas eu sei que ela acontece também. Agora, o Jubileu, ele tem data. Ele começa no dia 13 de junho e vai até dia 24, são 11 dias, né? No início, quando eu era criança pequeninha, que eu vinha passar férias aqui, a gente presenciava as pessoas vindo pela fé. Tanto que a Casa dos Milagres, que fica lá no Santuário, ela tem muita coisa que foi deixada, às vezes feito em cera, ou até muleta, cadeira de rodas, sapatos, óculos...aqueles que alcançaram a sua graça, deixam ali, né, em resposta ao Senhor Bom Jesus, né, aquela fé alcançada. E são muitos dias de celebração, são missas o dia inteiro, né, começa às 5 da manhã e vai às 10 da noite, né? E nos quatro últimos dias, a gente não pode deixar de falar, apesar que foge um pouquinho da crença, a gente tem o Forró do Campo, que são quatro dias de festa. Então serve também pra aqueles romeiros mais novos que, por tradição vinham quando crianças, e já estão rapazes, moças, casados ou enamorados, o que for, e tem esse momento lá onde a gente tem rodeio, à tarde, com pião, tem rodeio no cavalo, montado no boi mesmo, e à noite tem shows, que hoje

têm hora pra terminar, eles vão só até às duas da manhã, exatamente pra não incomodar aqueles que vieram pra rezar, vieram pela fé, né? E hoje é interessante a gente fazer esse paralelo porque, há 30 anos atrás as barracas eram realmente de lona, eles faziam o fogão no chão, acho que foram os cafés mais gostosos que já tomei na minha vida. E hoje não, a gente passa pra ver, eles têm toda uma estrutura, todos eles vêm uma estrutura montada, eles já puxam a tenda mesmo, não é mais tão desconfortável como era. Falo, desconfortável pra aqueles que vêm montar barraca mesmo. Têm pessoas que vêm no último dia, só pra benção final, e viajam a noite inteira, chegam aqui, tomam a benção e vão embora. No Jubileu a gente tem a Cavalgada, geralmente ela acontece no segundo sábado, e a benção dos cavaleiros, onde a gente tem na cidade em média 5000 cavalos, e é muito bonito também, porque...tá certo que o Jubileu de Bom Jesus do Matozinhos, e a protetora dos piões é Nossa Senhora da Aparecida, mas eles tiram o chapéu, passam ajoelhados na frente do padre segurando o cavalo...e eu acho a manifestação da fé muito bonita, a gente tem que respeitar isso, apesar de que, com a mudança, né, tudo muda, o tempo muda, as pessoas mudam, e muita gente que foge um pouquinho à regra, se exaltam um pouquinho, mas vêm também pra expressar da sua maneira a homenagem a Bom Jesus. Eu acho que as festas que mais me chamam a atenção são essas que eu falei: Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião, a Semana Santa que não é divulgada, a gente não tem um trabalho organizado sobre isso, e a Festa do Jubileu, que são 224 anos de história, que tem uma história por trás também, e onde era o Santuário hoje foi chamado o Capão do Mato e ali o escravo encontrou a imagem de Bom Jesus, e levou essa imagem pra Igreja da Matriz, que foi a primeira igreja fundada em Conceição. Aí chegando lá a imagem desaparecia, ela desapareceu de lá umas três vezes, até que conseguiram colocar essa imagem no lugar, veio um bispo do Rio de Janeiro, que ficou tão encantado com as histórias que chegavam, de milagres, que tavam acontecendo através dessa imagem, e falou – “olha, eu acho que vocês deveriam erguer uma igreja aqui” – e foi assim que tudo começou, tanto que o desenho original da igreja do Santuário do Bom Jesus do Matozinhos, ela era muito parecida com o desenho da Igreja Matriz que a gente tem hoje em Conceição, o que foi mantido foi o Senhor no altar e a capela-mor, que é o original da capelinha, que foi feita lá do alto do Capão do Mato, né? Então assim...eu acho que todas essas festas se mantêm até hoje pela fé, né? Voltando à Festa de Nossa Senhora do Rosário, tem uma coisa interessante, uma informação que eu esqueci de passar, que antigamente os festeiros, eles eram eleitos, eleitos mesmo. Hoje as pessoas são, cada ano – “eu quero ser festeiro esse ano, eu tenho uma devoção, eu tenho uma promessa pra pagar”. Então cada ano ela se torna mais rica, e não é rica que eu falo de poder econômico, porque a gente já teve festeiro que não tinha poder

econômico, mas que conseguiu doação, porque a festa acontece da seguinte maneira: depois da coroação do Rei e da Rainha, que a gente tem a junção do Rei Negro com a Rainha Branca, e eles vão até o Santuário, que aí a gente tem a combinação dos grupos de manifestação lá, depois disso tudo, na parte da tarde, é oferecido o doce, pra quem está na cidade, quem quiser ir lá pegar doce, ou seja, é uma quantidade muito grande, porque com certeza na rua a gente tem mais de duas mil pessoas indo à festa. Porque ela sai em cortejo, então você pode acompanhar de qualquer ponto, ou então seguir o cortejo também, eu acho mais interessante, você ver os personagens que vêm, tem o Bumba-meu-boi, que vem brincando com as crianças, tem criança que chora desesperadamente (risos), o Bumba-meu-boi tá vindo pra cima deles.

- *O Bumba-meu-boi é daqui?*

- Daqui. Aqui no prédio, onde a gente se encontra agora, ele ficava exposto, e eu não sei pra onde levar, aí vem o boi, o rapaz que veste ali, exatamente pra animar um pouco a criançada, e culturalmente vai junto com os pais já pra ter esse processo, de saber como é que é a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

- *Mas aí ele só sai na Festa de Nossa Senhora do Rosário?*

- Só na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

- *E o responsável pelo boi é morador daqui de Conceição?*

- É daqui. Ele inclusive, a última reforma que ele teve, quem doou foi o Seu Lúcio Guerra, que é um dos donos do posto que a gente tem aqui na cidade. Entendeu? Lúcio Guerra, exatamente. Voltando ao boi..., quando ele aparece, geralmente o cortejo tá seguindo já pra Igreja Nossa Senhora do Rosário, ele vem acompanhando e brincando com os expectadores, que estão vendo o cortejo passar. Porque que ele vem, qual que é o motivo, a história por trás, que eu desconheço infelizmente, talvez seja uma pesquisa interessante pra fazer. E a gente tem um boneco também, que ele foi denominado de Rogério, não me pergunte o nome, também eu não sei te explicar, mas todo ano tá lá, o boi e o Rogério, né? Os meninos ficam ansiosos, os mais velhos, os meninos de 11, 12 anos – “lá vem o Rogério, lá vem o boi aí” – os mais novos gritam, é muito divertido a presença. Deve um significado que eu infelizmente desconheço. Então eu não posso me estender porque eu realmente desconheço.

- *Mas essas festas que acontecem aqui aparecem principalmente na sede. Aí você saberia citar ou comentar algumas que acontecem nos distritos, se você souber, e também, as outras manifestações, né, as formas de expressão, a questão do artesanatos, quê que sobressaem de matéria prima utilizada para fazer os artesanatos...*

- Sim. Nos distritos infelizmente eu sei que a gente tem a Festa de Nossa Senhora da Aparecida, a gente tem a Festa do Divino, que são festas que..., tem uma festa que acontece no Cemitério do Peixe, que assim, lá tem dois ou três moradores e quando acontece lota, mas pra que santo é, qual a devoção, infelizmente eu ainda não fiz esse estudo, entendeu? Mas eu sei que em Córregos e Tapera têm essas manifestações assim, e as pessoas passam direto pela sede e vão parar lá no distrito, entendeu, pra celebrações.

- *É, você comentou da Marujada, além da Marujada, há outros ritos aqui?*

- Aqui, além da Marujada, o que a gente vê muito e eu acho interessante o trabalho é a Banda Lira da Paz, tá, porque ela trabalha basicamente com os jovens e crianças. É raro você ver um membro adulto mesmo. E toda a manifestação, toda a festa, ela está presente. Toda a festa, seja a do Rosário, seja na Encenação da Paixão de Cristo, seja na Festa de São Sebastião, né? A abertura, igual a gente falou um pouquinho, tem um grupo de escoteiro aqui, quando eu precisei e eles foram também, é, os membros se reúnem independente da hora do dia, então é um trabalho bonito que eles fazem pra resgatar, porque nem todas as cidades possuem banda mais, né, principalmente com tanto jovem envolvido, né, aqui 99% é jovem. O Eduardo é que está fazendo um serviço legal aí pra comunidade...

- *Ele que coordena a banda.?*

- Ele que é o mestre da banda. O que seria o regente da banda, né? Ele já é um senhor de idade, entendeu, mas vem lutando pra que a banda, assim como a Marujada, pra que eles não deixem de existir, porque recursos faltam pra manter mesmo. Instrumento, a vestimenta deles, eles têm uniforme, e a maioria não tem como obter esse uniforme, então é muito bonito o trabalho deles. E toda festa que tem, precisou, é só chamar (risos), que eles aparecem.

- *E os saberes, e os modos de fazer tradicionais, quer dizer, a questão da cachaça, do Festival da Cachaça aqui...?*

- Olha, o Festival da Cachaça, tem uns dois anos que não acontece, mas realmente tinha, a gente tem uma produção de cachaça muito grande aqui, a gente tem Bento Velho, né, antes de chegar na cidade, né, tem o alambique, você tem essa Politana, que hoje é a região do Sapo, que São Sebastião do Bom Sucesso, também tem uma cachaça muito boa, entendeu, cachaças artesanais são feitas aqui, e tão ganhando o mercado brasileiro, do jeitinho mineirinho, do jeitinho delas tão ganhando mercado, né? Uma forma de artesanato que era muito forte em Conceição, principalmente quando eu trabalhava e hoje eu não sei como tá era o artesanato em couro, que era feito sandálias em couro, bolsas em couro, as famosas bruacas, selas, entendeu? Eles vendiam bastante pra fora, eles têm a Feira Nacional de Artesanato, que acontece muito em Belo Horizonte, eles todo ano foram lá. Era muito forte realmente esse

encontros deles aqui. E artesanato em Conceição, infelizmente ele se perde um pouco, porque a gente tem bons artesãos, boas matérias-primas, mas em pontos distintos. A gente tem o artesanato em couro, aí você tem o artesanato em pedra-sabão, você tem o artesanato em madeira, que também quando você pega uma pessoa que queira expor isso, você leva obras e coisas bonitas pra se vender lá fora, entendeu? Só que isso tá cada um no seu cantinho, cada um no seu quadrado, realmente, e sem mercado pra poder expor. O de couro, igual eu falei, hoje que ainda sei que tá saindo é o Major, Velho Major, que é o nome que se intitula, o artesanato lá em cima na Santana.

- *Dessas várias manifestações que você citou, ficou alguma que você queria mencionar?*

- Eu queria mencionar uma coisa que eu lembrei. Vou por água na boca de vocês. É, a gente tem uma característica alimentar, né? É uma briga aliás de quem criou, quem não criou, bom...é uma particularidade nossa e é muito gostoso, que é o pastel de angu, né, o pastel de angu que saiu no SBT, saiu na Globo Minas, já foi pro Guia Quatro Rodas, realmente é uma característica da cidade, mas tem outra que já fizeram propaganda e só não vou falar quem faz, que é o biscoito de torresmo.

- *Biscoito de torresmo?*

- Biscoito de torresmo. Se tiverem oportunidade, procurem Dona Lélia.

- *Mas é a base de quê, esse torresmo?*

- Ela faz com torresmo mesmo.

- *Ah, com o torresmo mesmo?*

- É, uma delícia! Muito gostoso mesmo. Então tem também, é o típico, que as pessoas lembram de Conceição. Além do queijo, por causa da região do Serro, Diamantina, Conceição taí... A gente tem o pastel de angu, e agora vocês estão sabendo do biscoito de torresmo, que é muito bom. Era farinha, rapadura, isso não tem um diferencial sem valor. O tal recheio é gostoso. Mais é o pastel de angu mesmo.

- *E dentre dessas manifestações que você citou, você saberia informar quem são responsáveis por executar essas manifestações?*

- Bom, a Festa do Rosário ela acontece com festeiros, né? Cada ano é um festeiro diferente, que tem o apoio da igreja, um apoio não financeiro, mas das coisas acontecerem. A Festa de São Sebastião, é a igreja junto com a comunidade, que quem doa o material pra ser rifado é a comunidade, os fazendeiros. Eles dividem hoje por bairros. A gente escuta, a gente aqui nesta cidade, a gente tem o Santuário, eles comunicam pelo alto-falante, então falam: “tal bairro tá responsável por essa doação, nesse dia”. Então eles dividem dessa forma. E a Festa do Jubileu acontece pela fé mesmo, isso é da paróquia, envolve comunidade na ajuda pra manter limpo, a

igreja, envolve a Polícia Militar, envolve prefeitura, e envolve realmente todos os poderes mais a comunidade. Agora, só as duas que envolvem mais diretamente é a Comunidade do Rosário e a de São Sebastião.

- *E o Mestre da Marujada, você sabe o nome dele completo?*

- Não, sei só que ele chama Geraldo, o nome completo eu não lembro, não lembro mesmo.

- *E do regente da Banda Lira da Paz?*

- Eduardo Costa (risos).

- *E qual que é o público dessas manifestações, quem é que frequenta, quem é que vai, quem é que prestigia?*

- Geralmente, é a comunidade, o povo concencionense da sede, e dos distritos, próximo. E como algumas festas já tomaram uma dimensão maior, que já foram o marketing boca-a-boca, melhor que existe, a gente recebe muita gente de fora, principalmente na época em que as festas acontecem. A de 1º de janeiro é férias, a de São Sebastião nós estamos em férias escolares ainda. Agora, a única que você vê o público dessa cidade dobrar é a do Jubileu. No último dia, nós temos hoje 19.000 habitantes, 50.000 pessoas aqui é pouco, de tanta gente que vem. Então, o público nosso mesmo é os fiéis, e quem tem fé, que a maioria é festa religiosa, né? Nós não estamos falando do carnaval (risos).

- *E qual a importância, quais as importâncias dessas manifestações culturais?*

- Olha, eu percebo a maior parte deles é a fé mesmo que eles possuem, por isso que estas manifestações estão vivas até hoje. Não importa se na procissão tem dez pessoas, mas tem dez pessoas. O que eu acho importante também, em manter a tradição, tem tradição que vem de séculos! Já vem há 200 anos, há 224 anos, desde a fundação da cidade, aí você vai perder porque não conseguiu acompanhar o que modernismo não deixou, coisa desleal, né? A gente tem o mundo globalizado, onde as informações chegam o tempo todo. E você conhecer e fazer parte dessas manifestações de alguma forma, nem que seja só como observador, é enriquecer você como pessoa, e como cultura. Você poder divulgar isso de alguma forma. Infelizmente a mentalidade das pessoas aqui, ainda tá muito cristalizada, sabe, tá muito...com toda essa mudança que vem acontecendo no mundo, e basicamente em Conceição, porque a gente tá vivendo uma nova situação com a mineradora que tá chegando, daqui a pouco chega a Vale, são pessoas que estão vindo morar em Conceição, pessoas de fora, com mentalidade de fora, que chegam aqui e vibram com essas manifestações, e eles às vezes – “ah, tá bom assim do jeito que tá” – não tá bom do jeito que tá...Tem que fazer mais, a gente tem que buscar mais assim, até mesmo porque como são manifestações, a maioria são da Igreja Católica, infelizmente houve uma perda de fiéis na igreja, entendeu? Conceição ainda tem a

tradição católica, mas a gente tem muitas igrejas evangélicas, a gente tem testemunhas de Jeová, então quer dizer que...fugindo um pouco o assunto e dando uma opinião pessoal minha, às vezes você está insatisfeito com você, mesmo, e culpa a religião. Então largam a tradição católica, cospem naquele prato que comeram a vida inteira, e simplesmente chamam aquela festa ou de profana, ou de uma situação que não deveria existir, né? Igual eu escutei outro dia dentro do ônibus, eu quase que bati no cidadão, porque ele falou que essas coisas deviam acabar, nós somos do século XXI, no século XXI achei que não ia ter nada de especial, nem carro eu tenho... Então, eu acho que pra cidade é importante, pras pessoas da cidade é importante, porque, além da fé vem a tradição. Você vê que quem tem mães que moram aqui, os filhos que moram fora, que não vem mesmo nesse momento de festa, pra rever a família, e pra lembrar de agradecer...não estou falando aqui que todo mundo tem que ir à missa todo domingo, mas que de certa forma é positivo, porque lembram de agradecer, se emocionam quando vêm, essa forma de manifestação religiosa, que é a união da fé.

- *Aí você mencionou essas várias correntes, né, de credo religioso... Aqui em Conceição tem terreiros de umbanda?*

- Não, aqui em Conceição tem terreiros de Candomblé (risos).

- *Você sabe onde?*

- Chama “Filhos de Aruanda”. Fica no Matozinhos...

- *Matozinhos é distrito ou bairro?*

- Não, Matozinhos é um bairro, atrás do Santuário...a mãe de santa, ela sempre participa da Festa de Nossa Senhora do Rosário, é ela que faz o desfile com os filhos dela, filhos de sangue mesmo, acorrentada, porque são todos negros, então eles fazem o papel de escravos mesmo. Mas ela tem o terreiro aqui, funciona aqui e em Belo Horizonte. Ela tem uma casa em Belo Horizonte também.

- *Então ela mora aqui e lá. Ela faz nos dois espaços...*

- Isso, ela faz na ponte (risos) entre Belo Horizonte e Conceição. Nesses dois lados. Terreiro de umbanda a gente não tem, a gente tem só o terreiro de Candomblé.

- *E como você percebe que esses bens, eles se mantêm, questão da sustentabilidade? Aí pros bens de forma geral, não só as manifestações, seriam o caso as festividades...a Banda, a Marujada, a própria questão da produção artesanal, essas matérias-primas, a produção do açúcar e da cachaça, e tem também a rapadura, e as próprias festividades também.*

- Sim. Conceição está passando por um processo de mudança mesmo. Mudança no âmbito político. Porque não adianta a gente falar – “eu não vou esperar nada do Poder Público” -, sendo que 50% tem que ser Poder Público. E essas manifestações, elas estão se mantendo

atualmente por terceiros, sem contar com o Poder Público, né? A gente teve três eleições já, em dois anos; então houve sempre inconstâncias, mudanças e mudanças, e infelizmente os gestores que não estavam tão preocupados em manter as tradições, sejam as festas, sejam as manifestações, seja o artesanato, seja o turismo, seja a cultura em si, entendeu? Infelizmente, Conceição perdeu um pouco do que ela tinha de rico, porque daqui saíram grandes homens, né? Nós tivemos Zé Aparecido de Oliveira, nós tínhamos o próprio Daniel de Carvalho, que foi questionado há uns anos atrás, que foi um grande representante da cidade. A gente teve o José Fernando, que foi deputado federal, a gente teve mentes pensantes que saíram de Conceição. E que Conceição era referência: desembargadores, juízes, que vinham estudar no colégio interno, que era o ginásio, e hoje a gente vê uma outra realidade. Eu acho que pra se manter, a gente precisa sim da empresa que tá chegando, a mineradora tá aí, é um fato, não há como a gente lutar contra porque a gente precisa dela, e do minério que ela vai explorar. Mas a gente precisa do turismo, a gente precisa valorizar o artesanato, a gente precisa valorizar aquele que planta a sua couve lá no seu quintal pra vender, entendeu, o produtor rural, sabe? Precisa começar a ter políticas de valorização num resgate pra que essas manifestações sejam amplas e até artesanais não acabem, como estão acabando. Está se perdendo, eu brinquei no início dessa entrevista que Conceição está perdendo a história, e está perdendo mesmo.

- *E como que você percebe que essas tradições, esses bens imateriais são repassados pras novas gerações?*

- Bom, vou citar a Marujada, por exemplo. A gente vê hoje muita criança, dançando. Muito, muito menino dançando. Eu creio que é um trabalho feito em casa, e há dois anos a prefeitura começou com o trabalho de educação patrimonial, que de certa forma tenta despertar pra isso. O trabalho é feito basicamente pra falar dos bens mesmo, dos casarões e tal. Mas desperta, de certa forma, pra que as tradições venham sejam mantidas, que elas não se percam. Então você vê hoje muita criança, como eu citei a Banda Lira da Paz, tem muita criança, então deve ser um trabalho que tá sendo feito dentro de casa, do que, infelizmente fora, tinha que ser uma soma aí e tá sendo só um lado. Só um lado mostrando pra eles que vale a pena.

- *Esse lado que você aponta aí, no caso é a família, entre aspas.*

- A família que tá mostrando, né, que vale a pena seguir o que o avô era, o pai era, o tio, o irmão, ou então identificar uma aptidão: música. A banda é aptidão, né? Meu menino tem aptidão pra flauta, então vou inscrever ele na banda. E ali ele tem aula, ele vai aprender, e daqui a pouco ele apresenta em Belo Horizonte, igual já aconteceu aqui, né? Então, na banda o caso é aptidão, e na Marujada é um trabalho mais mesmo familiar.

- *E desses todos bens imateriais que você citou pra gente ao longo da entrevista, você percebe que há algum que sofre alguma ameaça, que pode deixar de existir, corre o risco, com alguns desses...*

- Os dois que eu citei. A banda e a Marujada, elas correm risco sim, principalmente pela falta de apoio. Pela falta de incentivo. E incentivo passa pelo financeiro, você é reconhecido pelo trabalho que você faz, você tem um repasse financeiro pra alguma apresentação que você vá fazer em outro lugar, porque os marujeiros, principalmente a maioria, por si eles não têm como ir a lugar nenhum. No histórico de vida deles são pessoas humildes mesmo. Então, se não houver uma consciência da sociedade, do Poder Público e da comunidade em geral, elas tendem a acabar, não hoje, não amanhã, não daqui dois anos, mas tendem a acabar.

- *E você acha que os problemas que afligem tanto a corporação musical quanto à Marujada, são semelhantes: questão do transporte, questão do dinheiro da compra do instrumento pra corporação...*

- Sim, infelizmente eles são basicamente o mesmo ponto. É o repasse financeiro, é o reconhecimento, é o reconhecimento de ambos, a divulgação de ambas, sabe? “Ah, a banda tocou no grupo de escoteiros, fez o maior sucesso, nós divulgamos isso pra avaliar-se inteiro, perguntar se eles vão tocar no ano que vem”. Quer dizer, tá vendo, lá fora eles reconhecem, mas aqui tem uma banda, é como se fosse – “ah, não tem nada melhor pra fazer” – e não é assim. Tem tanto instrumentista bom, que sai de banda do interior e hoje toca no exterior, e são reconhecidos...então, é valorizar mesmo cada um que tá lá, e é um trabalho macro, não é uma visão, não tem aqui, quem sou eu pra culpar um ou outro, é um trabalho de somas. É isso que a gente tem que fazer, pra não deixar nada acabar aqui em Conceição.

- *E quais as dificuldades enfrentadas e soluções encontradas para a continuidade dessas manifestações, saberes, modos de fazer?*

- As dificuldades eu já pontuei, né? É a falta de...

- *Principalmente a Marujada...*

- Isso. É a falta de apoio, né, a falta de valorização, porque nem a Marujada, ela é uma manifestação de fé. Então é porque eu tô recebendo aqui uma pessoa que eu julgo ser importante, tenho que chamar a Marujada, entendeu? Eu acho que tem que respeitar a fé deles, até mesmo porque a farda que eles usam, eles só usam quando é pra representar a fé deles, ou seja, se é dentro da igreja, eles usam a farda; se não é, sinto muito, eles vão com a roupa do corpo. A única coisa que eles usam é o chapéu pra identificação dos marujeiros que estão chegando, né? E a banda é a mesma coisa, a banda ainda é menos solicitada do que a própria Marujada. Agora, o quê que a gente pode fazer pra melhorar isso, pra melhor o

artesanato. Eu acho que se perde também o artesanato em Conceição, é realmente montar...e quando eu falo de política, a política ela tem um significado interessante, que é o bem comum. Não é o que a gente vê hoje no Brasil. Montar uma política mesmo como um todo, com associação comercial, com os artesãos, com os marujeiros, com o maestro da banda, aí sim o Poder Público, ações...Onde é que tá faltando? O quê é que a gente precisa fazer? Onde que a gente vai buscar pra gente melhorar isso? Melhorar a qualidade do trabalho do artesão, ter um ponto de venda pra eles, porque todo mundo precisa de dinheiro. O marujeiro, se ele vai apresentar em algum lugar, qual que é a contrapartida que eu estou dando pra esse marujeiro. A banda – “ah, tem uma apresentação” – o quê que eu posso oferecer em troca. Então são políticas que têm que ser realmente fomentadas, e formatadas, pra que as coisas melhorem no todo. E eu acho que, falando honestamente, aí uma opinião pessoal, nós estamos há anos-luz disso, entendeu? Porque sempre não é o bem comum, é o bem do meu umbigo, né? Se eu estou bem, ótimo! E mudar a consciência das pessoas requer tempo, requer trabalho, requer o contato “olho-no-olho”, crítica, elogio, pra mudar uma consciência pra gente poder alavancar novamente essas manifestações, o artesanato, e que as coisas não se percam. Conceição é muito rica, só que ela tem que entender essa riqueza que ela tem, e ela deixou se perder, com o passar dos anos.

- Tem um comentário, ou comentários gerais, que você queria fazer, sobre a temática que a gente discutiu aqui...

- Olha, eu vou só deixar um convite, porque é muito fácil explicar, pra quem vai ver esse vídeo depois, ter uma visão teórica de pesquisas, de internet, que hoje é o mundo. Venham ver as festas, venham conhecer as festas, sabe, a casa está a disposição, tem vários quartos (risos), só não se importar de dormir no chão. Venham conhecer, é preciso entender, o quê que é isso tudo que a gente tá falando aqui, e porque que me dói dizer que isso um dia pode acabar. Conheça, pra ajudar quem sabe a gente pra resgatar isso, pra permanecer pelo menos mais uns trinta anos, acho que tá bom. Muito obrigada!

- Obrigada a você.